

Florestan Fernandes e sua trajetória como intelectual orgânico do socialismo

Leonardo Venicius Parreira PROTO – mestrando em História pela UFG – bolsista da CAPES - leoproto@hotmail.com

Prof. Dr. David MACIEL – orientador (Programa de Pós-Graduação em História da UFG)

Palavras-chaves: Intelectual orgânico, autocracia e socialismo.

INTRODUÇÃO

Esse estudo sobre Florestan Fernandes como intelectual orgânico sustenta-se em termos da História dos Intelectuais a partir dos anos 50 no Brasil, com o referencial marxista como instrumental de análise e aprofundamento das pesquisas em torno da história social dos negros em São Paulo, numa pesquisa patrocinada pela UNESCO, que marcaria sua militância acadêmica e política em favor dos marginalizados na história do Brasil (KONDER, 2000).

Sua condição de sociólogo marxista foi ampliada à medida de sua formação acadêmica e atuação em torno das questões sociais do debate nacional a respeito da condição social dos negros, em defesa da escola pública e no próprio fazer acadêmico e termos de pensamento social posto a partir da década de 50 em diante (SOARES, 1997; CANDIDO, 2001).

Para Octávio Ianni (2004), na história da sociologia, o esforço intelectual de Florestan Fernandes está para consolidar esse campo das ciências humanas num sistema de saber, desenvolvendo toda uma sistemática de fundamentação da sociologia brasileira a partir das condições históricas da sociedade na conjuntura do pós-30 e da institucionalização da universidade brasileira.

O percurso intelectual de Florestan Fernandes no desenvolvimento do pensamento da história social no Brasil deve ser entendido não somente na singularidade de sua trajetória, mas como parte de um movimento histórico em que situa sua inserção na vida universitária e na consolidação da carreira acadêmica (a partir de 1940), sua aproximação inicial com o trotskismo (entre

1940 e 1950), seu envolvimento na luta contra a ditadura militar e seu exílio (a partir de 1969) e mais ao final sua militância partidária (a partir de 1985) e publicista na coluna que escrevia semanalmente para a Folha de São Paulo, na qual desenvolve os mais variados temas e debates das questões nacionais (a partir de 1983).

Nessa apresentação da trajetória histórica de Florestan Fernandes temos o intelectual militante, ultrapassando os limites somente teóricos, aplicando o método da práxis (GRAMSCI, 1995; MARX, 2002) em sua atuação teórica/prática, sendo um defensor do público quanto ao tratamento das questões sociais nesse país concentrador de riquezas e marginalizador dos/as trabalhadores/as, enfim, da maioria da população.

Essa imagem do intelectual envolvido com o debate público traz nessa pesquisa uma oportunidade para podermos polemizar com o conceito de intelectual orgânico de Antônio Gramsci (1995)¹ o papel do sujeito do mundo das idéias efetivamente envolvido nas lutas sociais e na reflexão política das décadas de 50-70 (TOLEDO, 1998).

Para Eliane Veras (1997) a condição intelectual de Florestan Fernandes é que o teria feito atuar como político na organização partidária, desenvolvendo assim uma militância diferenciada no que diz respeito a seu papel político “de natureza intelectual”. Para esta autora, Florestan Fernandes teve uma atuação radical na política no processo da Assembléia Nacional Constituinte (em 1987), com destaque para o aprofundamento dos debates no país acerca da educação, da democracia, do desenvolvimento técnico-científico; além de sua presença atuante como publicista na imprensa nacional debatendo “temas candentes” dos rumos da nação brasileira.

Essa característica de publicista do socialismo, advinda de sua condição de intelectual orgânico foi trabalhada por Paulo Silveira (1987) ao definir Florestan Fernandes em seu marxismo revolucionário. Para este autor, a atuação publicista de Florestan Fernandes reunia três condições de sua formação e trajetória histórica: a primeira está em seu conhecimento aprofundado da história estrutural da sociedade brasileira; a segunda está em sua

¹ A influência ou mesmo o contato com a produção de Gramsci no Brasil só foi lida a partir da década de 60 pelos intelectuais de esquerda. A princípio, as idéias gramscianas não influenciaram os pensadores mais antigos da militância do PCB. Somente após o golpe de 64 é que veremos florescer entre os intelectuais do partido e da universidade a apropriação de seus referenciais teóricos (COUTINHO, 1998).

intransigência com as formas de manutenção do *status quo* burguês e a terceira condição situa a luta de classes não somente como desenvolvimento das condições objetivas, mas na relação entre a realidade objetiva e o campo de possibilidades envolvidos na forma expressão subjetiva.

MÉTODO

O estudo desse intelectual da esquerda brasileira se pautará pelas idéias marxistas, de seu método materialista histórico dialético de análise e da influência de Gramsci no contexto brasileiro. Esse estudo do marxismo brasileiro deverá levar em conta a historiografia das idéias na interpretação sócio-histórica do Brasil dos governos de Jânio Quadros (61), João Goulart (61-64) e todos os governos militares no pós-64, propício para a renovação do ideário das esquerdas em nosso país.

Em termos teórico-metodológicos, o conceito de intelectual orgânico nos acompanhará nessa pesquisa como referencial analítico das idéias de Florestan Fernandes e do desdobramento de suas análises e influências teóricas e políticas. A respeito desse conceito, a acepção gramsciana do termo refere-se à questão do intelectual como

Na análise de *Macciocchi* (1977), o intelectual orgânico para Gramsci é associado ao proletariado. Segundo essa autora, “orgânico é o intelectual cuja relação com a classe revolucionária é fonte de um pensamento comum” (p. 198). Sua atuação intelectual está diretamente vinculada há um projeto político de engajamento na luta pela transformação da ação histórica dos sujeitos sociais.

Em nossa metodologia de pesquisa buscaremos destacar na figura de Florestan a representação do intelectual engajado, assumindo a práxis como projeto militante-acadêmico, aproximando teoria e prática, mesmo em uma conjuntura repressiva daquele Estado autoritário. Nos termos da perspectiva marxista, a partir da década de 50,

MATERIAL

As fontes serão utilizadas até o final da pesquisa. As mais acessadas são:

- Nas referências bibliográficas do próprio Florestan Fernandes, especificamente o texto *Revolução Burguesa no Brasil* e o que é revolução?
- Entrevistas: *Encontros/Florestan Fernandes*. Org. Amélia Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008. As entrevistas presentes nessa coletânea são dos seguintes veículos:
- Folha de São Paulo (23/03/1968); Folha de São Paulo (30/03/1968); Revista *Trans/form/ação* (1975); Folha de São Paulo (24/06/1977); Jornal *Movimento* (21/11/1977); Jornal *Em Tempo* (agosto/1980); Depoimento realizado no Museu da Imagem e do Som/SP (26/06/1981); Revista *Ciência Hoje* (outubro de 1983); Programa Radiofônico *Certas Palavras* (maio/1989); Revista *Teoria e Debate* (30/03/1991); Entrevista realizada em 1992 e inclusa no DVD do filme *Cafundó em* (2006); Revista *Tempo Social* (outubro de 1995); 17/18 Ensaio. Florestan Fernandes: Constituinte e Revolução. Entrevista concedida a: J. Chasin, Ricardo Antunes, Antônio Rago Filho, Paulo Douglas Basrsotti e Maria Dolores Prades (fevereiro/1989).
- Programa *Roda Viva* da Emissora de Televisão Cultura em 05 de dezembro de 1994 (em DVD e transcrita).
- DVD – Programa *Intérpretes do Brasil* da TV Cultura. Comentado pela socióloga Maria Hermínia Arruda (USP).

CONCLUSÃO

O Estado burguês era nessa visão de Florestan Fernandes uma autocracia e a democracia dele manifestada tinha características de um sincretismo, pois “partia do fascismo, passava pelo autoritarismo e chegava à democracia, sem que o conteúdo autocrático e sincrético do Estado burguês fosse questionado e colocado em xeque” (MACIEL, 2010, p. 03).

Maciel (2010) enfatiza a importância do sociólogo na leitura sobre o Brasil e reconhece nele o esforço teórico-metodológico que não teria o mesmo rigor sem a apropriação do marxismo como recurso heurístico e proposição política. Sua forma de compreensão e explicitação da realidade histórica brasileira é

advinda, segundo este autor, de um profundo conhecimento das categorias da dialética marxista, o que favoreceu na práxis uma “leitura original do marxismo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FALCON, Francisco. *História das Idéias*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

_____. *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

_____. *Mudanças sociais no Brasil*. 3 ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1979.

_____. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

KONDER, Leandro. *História dos intelectuais nos anos 50*. In: *Historiografia brasileira em perspectiva*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2000.

PORTELLI, Hugues. *Gramsci e o bloco histórico*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MACIEL, D. . Florestan Fernandes e a questão do transformismo na transição democrática brasileira. In: *IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina*, Londrina - PR. *Anais do IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina*. Londrina - PR : GEPAL, 2010. v. 1. p. 102-112.

MORAES, João Quartim (Org.). *História do marxismo no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, v. 3, 1998, p. 201-244.